

## Aula de música para crianças: em busca do conhecimento musical e humano

### Comunicação

### GTE 03 - Educação Musical e Humanização

*Ilza Zenker Leme Joly*  
*Universidade Federal de São Carlos*  
*ilzazenker@gmail.com*

**Resumo:** Esse artigo tem como tema central o desenvolvimento de aulas de musicalização para crianças, com objetivo de trazer reflexões sobre os conceitos que conduzem uma aula de música tendo por base autores como Carlos Rodrigues Brandão, Luciana Ostetto, Paulo Freire, Teca Alencar de Brito, Violeta Gainza, entre outros. Palavras como convivência, compromisso, humanização, práxis, encantamento conduzem os conceitos de educação e educação musical, que fazem interface para construir e apresentar uma forma de dar aula de música para crianças. A metodologia deixa à mostra a fundamentação teórica para construção dos conceitos, assim como apresenta como passo importante o planejamento de um rol de atividades para aula de música. Os resultados mostram que a música é conhecimento de mundo, pode provocar reflexões e emoções e por isso contribui para o processo de humanização.

**Palavras-chave:** Educação Musical, Planejamento, Humanização.

### Construindo um conceito para as aulas de musicalização

Essa pesquisa surgiu da necessidade de registrar e refletir sobre um modo de pensar o ensino de musicalização para grupos de crianças pequenas, ainda na primeira infância. As palavras encantamento, convivência, amorosidade, práxis, compromisso e humanização surgem como pequenas pedras sinalizadoras do caminho a ser seguido. Essas palavras são referências que balizam o pensamento e a pesquisa nas escolhas feitas para o planejamento da aula.

Partindo desse princípio, considero que a música traz elementos fundantes para um conhecimento de mundo importante na compreensão da vida como um todo. Ela, a música, como elemento condutor da educação musical, nos ajuda a compreender melhor o mundo em que estamos inseridos, tanto do ponto de vista da cultura como das pequenas coisas do cotidiano.

Penso então, que cada aula, deve ter encantamento, beleza, alegria, emoção. Nos diz Luciana Ostetto (2010) que o encantamento é fundamental para viver a aventura da criação, para ver e viver a beleza e para espalhar essa beleza. Ela nos conta que é preciso apurar os ouvidos e abrir os olhos para estar disponível ao inusitado e misterioso do mundo, acolhendo sentidos e construindo significados. Dessa forma, penso que aula de música é uma porta aberta para esse mundo misterioso que começa a ser descortinado na primeira infância. As cenas do cotidiano, o entorno do lugar onde as crianças vivem, a cultura local e regional, as pequenas cenas familiares, a natureza, entre outras coisas, são temáticas fundamentais para conduzirem a aula de musicalização, que por sua vez, vai auxiliar a criança a adentrar e compreender esse mundo na qual está inserida.

Roberto Gambini (2001), ressalta a importância de abordarmos a cultura em nossas aulas, em uma dimensão não racional, sensível, afetiva. Considerando então que, se o nosso fio condutor é a arte musical, já temos em mãos as dimensões apontadas pelo autor, só é preciso considerá-las no momento do planejamento e da execução das aulas. Diz ele sobre a importância de

(...) práticas que formem, além de cidadãos, indivíduos capazes de estabelecer uma conexão mais profunda e não racional, entre pensamento e sentimento, que se lance uma ponte reunindo dois mundos cindidos pela ininterrupta evolução da racionalidade a partir do século XV. Nossa cultura e nossa humanidade, no decorrer da história moderna, acabaram polarizadas: razão e desrazão, consciente e inconsciente, corpo e espírito, normal e anormal...a lista é longa. (GAMBINI, 2001, P.107)

Buscando o encantamento citado por Ostetto (2010) e as dimensões não racionais citadas por Gambini (2001), quando escolho as músicas de cada aula e construo o seu roteiro, primeiro mergulho em uma pesquisa extensa, com muitos livros espalhados pela mesa, na busca de canções que possam ter significado para este ou para aquele grupo de crianças. Cada criança é única, com suas preferências, suas potencialidades, seus limites. Penso em cada uma delas no momento do planejamento da aula. Por outro lado, penso também na constituição do grupo de musicalização ao qual vou aplicar este ou aquele planejamento de aula. Como pensar em cada criança e ao mesmo tempo no grupo? Penso então que o grupo se constitui na diversidade dos seus participantes, e essa diversidade é que caracteriza o agrupamento de crianças. Preciso então pensar em cada uma das crianças e, ao mesmo tempo, em como essas crianças se constituem como grupo. Por exemplo, devo considerar os interesses de cada um e ir contemplando aos poucos, todos os interesses. Essa é uma aprendizagem da diversidade de conteúdos, do ouvir e respeitar o desejo do outro, de compartilhar músicas, jogos e brincadeiras de diferentes lugares. Nos diz Brandão (2003) que,

Todo grupo humano que se reúne em algum tempo e lugar com o propósito de estabelecer uma interação fundada na troca de símbolos, de sentimentos, de sentidos e de significados dirigidos a uma busca solidária de algum tipo de saber, através do qual todos ensinam e aprendem mutuamente, constitui uma comunidade aprendente. (BRANDÃO, 2003, p.113)

Concordando com Brandão, considero os grupos de musicalização como uma comunidade aprendente, na qual todos têm algo para ensinar e aprender. Dessa forma, procuro, em todas as aulas de musicalização para crianças pequenas trazer os familiares para dentro da sala de aula para que essa comunidade se amplie e se estenda depois da aula, para o cotidiano das famílias. É claro que essa possibilidade existe em projetos livres de normas formais. Em escolas de música ou de educação básica isso nem sempre é possível, então a comunidade de aprendentes, nesses

lugares, fica circunscrita ao grupo de professores e alunos. Mas sempre procuro considerar o grupo como todo e, ao mesmo tempo, como uma unidade.

Então, como Brandão (2005), penso que,

A menor unidade do aprender não é cada pessoa, cada aluno, cada estudante tomado em sua individualidade. Ela é o grupo que se reúne frente à tarefa partilhada de criar solidariamente seus saberes. É a pequena comunidade aprendente, através da qual cada participante ativo vive o seu aprendizado pessoal. Todos têm algo a ouvir e a dizer. Todos têm algo a aprender e algo a ensinar... e a aula ou o ensaio dirigido, pode ser cada vez mais convertido em um círculo de diálogos. (BRANDÃO, 2005, p.90)

Um aspecto a ser reforçado nos dizeres de Brandão (2005) é de que cada pessoa tem seu tempo, sua forma, seu potencial para aprender, e é importante que as especificidades sejam respeitadas e consideradas dentro do grupo. Cada um é um, mas cada um é um membro do grupo e da comunidade na qual está inserido. Uma turma de alunos é sempre diferente da outra. O tempo de avanço nos saberes musicais são diferentes, o gosto por este ou outro repertório também é diverso, o modo de agir como grupo é específico. Por isso, na maioria das vezes, o planejamento de aulas para dois grupos diferentes de crianças, mesmo que elas estejam na mesma faixa etária, é totalmente diferente para este ou para aquele grupo.

Mas, claro que não são só os aspectos sociais e humanos que estão presentes em uma aula de música. Por isso, levo em consideração aspectos que possam garantir uma aprendizagem musical gradativa, em que cada elemento seja um degrau para uma aprendizagem musical mais sofisticada e avançada. Experiências de ouvir, cantar, dançar e tocar! A música é o elemento fundamental de trabalho, o fio condutor, no qual se apoiam todas as atividades planejadas.

Teca Alencar de Brito, em seu livro “Música na educação infantil (2003), diz que, para o compositor e pesquisador François Delalande, a produção sonora das crianças mostra estágios de atividade lúdica, que

podem ser classificados em categorias de condutas tais como: *exploração, expressão e construção*, relacionadas ao jogo sensório-motor, simbólico ou jogo com regras. Ainda fazendo referência à criança, Ignacio (2014) anuncia que o potencial do pensar, dos três aos cinco anos, não é lógico ou abstrato, mas ele se manifesta na fantasia infantil que é surpreendente. Nessa faixa etária, a criança brinca imitando os gestos dos adultos ou experimentando seu corpo, e ela também inventa um sem-número de histórias maravilhosas. Diz Ignacio (2014) que todos os objetos que a criança encontra ao seu redor são transformados, em sua fantasia, para aquilo que ela precisa ter em mãos para vivenciar o cotidiano. Uma pedrinha pode ser um barco, um cachorro, um gato, conforme sua imaginação.

Por isso acredito ser fundamental que uma aula de música para crianças deve ser uma experiência dos sentidos e do sensível: ouvir sempre, ver, tocar, sentir, cheirar. Penso sempre em um fio condutor, que pode ser um personagem representado por um boneco, um fantoche; uma flor para sentir o cheiro, tal como um pequeno ramo de Alecrim ou um Cravo e uma Rosa, que, ao final da aula, a criança leva para casa como se, com esse objeto, ela estivesse levando um pouco daquela canção vivenciada na aula. Eu penso em criar oportunidades para que cada criança possa vivenciar a aula como se fosse uma fantasia, e que depois essas experiências possam repousar em seu imaginário como algo mágico, maravilhoso.

Estou sempre na busca uma temática coerente, que conduza a imaginação dos participantes das aulas entre as músicas cantadas e dançadas; busco construir a aula com começo meio e fim, almejando que a experiência musical e artística se transforme em algo significativo para cada um. Os temas condutores das músicas surgem sempre das pesquisas e do tempo debruçado sobre os livros. Esse é um processo de pesquisa, de busca, de satisfação da curiosidade, do despertar de fantasias, de construção de encantamentos. Ora o tema nasce de um conjunto de músicas escolhidas e encadeadas, quando então, são as músicas que

constroem o tema; ora é o tema que conduz a pesquisa, a busca e o achado das músicas.

Na direção de uma educação que consiga levar em conta o encontro com a incerteza, as possibilidades de navegar no desconhecido, a aprendizagem do olhar, do sentir, do ouvir, Ostetto (2010) nos indica que devemos considerar trazer para a sala de aula aquilo que revele mais a beleza e a alegria das novas descobertas, do que aquilo que é racional, árido. Como exemplo, ela cita as experiências da escola, tais como as “famigeradas lembrancinhas para datas comemorativas” ou a oferta de desenhos prontos para as crianças pintarem. Da mesma forma, podemos pensar no campo da educação musical. O que estamos oferecendo para as crianças? Nas nossas aulas elas tem oportunidades de estarem acolhidas em dimensões de razão, mas também de sensibilidade? Qual o papel do educador nesse processo?

Ostetto (2010) nos lembra que “para encantar é preciso encantar-se”. Dessa forma, o educador, tanto quanto a criança, tem a necessidade de encantar-se com aquilo que faz; tem que criar para seguir as crianças no processo criativo; tem que ver e viver a beleza das músicas para saber espalhar essa beleza; tem que saber acolher os múltiplos sentidos do mundo, para poder ser sensível e dar as dimensões necessárias aos diferentes significados e sentidos construídos pelas crianças; tem que saber ousar para poder encorajar.

Ao pensar então o ensino de musicalização, principalmente para as crianças pequenas, que estão entre 01 e 05 anos, percorro, como educadora, todo um caminho de pesquisa em busca daquelas pequenas “pedras luminosas” (as pequenas canções), que possam alegrar, embelezar e dar significado à aula de música. Em outras palavras isso significa que primeiro eu busco o meu próprio encantamento nas canções, pesquiso aquilo que elas podem trazer como aprendizagem de conteúdos musicais, assim como ensinamentos de vida, e depois vou criando um roteiro que inclua um acolhimento das crianças; um desenvolvimento que inclua canções para ouvir, cantar, dançar e tocar; um pequeno

relaxamento, e uma canção de despedida. O roteiro que indica de maneira objetiva, o início e o fim da aula, assim como uma sequência de canções e atividades musicais que se constituam quase como uma história musical contada e cantada, traz segurança e estabilidade à criança. Ela sabe o que esperar e aguarda ansiosa para cada momento da aula.

## **O planejamento como forma de resultado**

Como resultado dessa maneira de pensar a aula de musicalização, e esperando contribuir com outros educadores musicais, descrevo parte de um dos roteiros de aula desenvolvido com crianças de 3 e 4 anos, com objetivo de produzir conhecimento sobre esse contexto, procedendo também a uma reflexão sobre o processo de construção dele.

Depois de uma pesquisa aprofundada em repertórios de canções da cultura popular brasileira, o planejamento de uma de minhas aulas ficou composto por canções que diziam respeito a aves brasileiras. No roteiro de uso diário, original, incluo também as partituras das canções, o que não considerei necessário incluir nesse artigo, porque se trata de um texto voltado para pesquisa e não para modelos de aulas práticas. A descrição das atividades tem o objetivo de apresentar e discutir a forma de pensar as aulas de musicalização a partir de atividades concretas, já aplicadas e experimentadas com grupos de crianças.

É importante dizer que as músicas são encadeadas depois da escolha de uma pequena coleção delas. São os textos, as formas, os ritmos, as melodias que vão dizer qual delas vem primeiro ou depois. Como educadora musical passo por um processo de sentir, tocar, cantar e dançar muitas vezes cada canção, para vivenciar aquilo que vou propor para as crianças. Esse é o processo de “encantar-me” para depois “ter chances de que a criança goste e se encante com músicas da aula. Reforço esse conceito dizendo que o educador precisa gostar da música que ele vai ensinar ou compartilhar com a criança, além disso conhecer profundamente e se comprazer no ato de compartilhar. Sem pretensões de ser uma “encantadora”, mas sim uma professora compromissada com

o que faz. Nesse processo escolho uma possível sequência de apresentações das canções. Quem vem primeiro? Quem abre e quem fecha o dia musical? Como encontrar um equilíbrio entre diferentes andamentos, estilos e sensações musicais? Como construir uma história musical que possa ser contada na aula, como se as crianças viessem para viver aquela história? Todas essas perguntas são fundamentais para a construção do roteiro.

Tal como diz Mellon (2006), todo ser humano é um contador de histórias porque possui em si mesmo e na sua vivência um sem-número de temas pessoais e universais. Como diz a autora, é importante estar aberto para perceber a riqueza imaginativa que vive dentro de cada um. E eu acrescentaria que é fundamental buscar e viver essa riqueza da imaginação para que ela esteja naturalmente presente em você quando for dar uma aula de música.

O planejamento original é sempre feito em forma de tabela, que inclui aspectos como: tipo de atividade, duração aproximada, desenvolvimento e material. Mas, para melhor fluência na leitura, neste artigo, apresento o resultado do planejamento geral da aula em texto corrido, incluindo os comentários que discutem os conceitos apresentados no texto.

Como a música pode compor um conhecimento de mundo significativo para o desenvolvimento da criança? Parto do princípio de que somos brasileiros e por isso penso no nosso cancionário, de maneira que as crianças conheçam a nossa cultura e se reconheçam nas manifestações musicais dos diferentes locais e regiões do país. Nos dizem Moura e Silva (2005) que as canções da cultura popular trazem em si a nossa história, a nossa vida, nossa alma, o nosso contexto. Elas são reflexo desse conjunto de aspectos e registram nossa natureza, os fatos históricos, heroicos, as desigualdades, os fracassos, as coisas boas e ruins. Esses mesmos autores nos dizem que a cultura popular representa a realidade cultural de um local, região, país; e registra o tempo e a existência das pessoas, revelando a tristeza ou a alegria dos fatos.

Cantamos o que vivemos, afirmam Fontoura e Silva (2005). Aprendemos as emoções com a briga do “Cravo e a Rosa”, a tristeza da menina cujo passarinho fugiu e a deixou chorando em “Sabiá lá na gaiola”, aprendemos sobre as escravas que acompanhavam a criação das crianças em “Mucama Bonita”, ou ainda o receio e o silêncio para dormir em “Murucututu”. E assim tantas outras coisas da vida que estão presentes no cancionário infantil.

Faço então um pequeno recorte de um dos planejamentos de aula para que educadores tenham uma ideia de como as canções são escolhidas pensando em contribuir para a formação das crianças e para sua aproximação e conhecimento de mundo. Para esta aula, em específico, o tema escolhido foram canções de aves brasileiras. O galo, o papagaio, o periquito, a saracura, o sabiá.

Os pássaros, podem voar nas histórias, nos diz Mellon (2006), criando sensações de voo e liberdade; também podem aparecer como ajudantes para resolver enigmas, para levar cartas, para cantar. Eles adquirem qualidades específicas, tais como os olhos da coruja que espiam o sono; a majestade das águias, e ainda trazem consigo uma imagem de beleza de movimentos, de cantos, de pios.

Já para Fontoura e Silva (2005), há muitas aves que habitam o território brasileiro. Há pássaros no litoral, nas matas, nos serrados, dizem eles, além das inúmeras aves que habitam os espaços urbanos, aparecendo nas cidades, nas praças, nos nossos quintais. Elas são muito cantadas pelo povo brasileiro e no repertório de músicas há aves lendárias que são homenageadas com canções, tais como o uirapuru, a gralha-azul, o papagaio da cara roxa e a arara-azul. Para atividade discutida aqui nesse artigo foram escolhidas canções de aves bem conhecidas das crianças.

**Canto de acolhimento:** Recepção e acolhimento das crianças. Podemos “chamar” as crianças, que esperam do lado de fora da sala de aula, tocando e cantando uma canção, estimulando a formação de uma pequena coletividade para a aula de música. A letra diz assim: *Agora*

*vamos brincar, cantar e contar histórias/Vem entre nessa roda/Vem dançar também.*

As canções de entrada têm o objetivo de sinalizar para as crianças início da aula, momento importante quando o grupo é constituído para vivenciar as propostas musicais do dia. Ao ouvi-la as crianças sabem que é ora da aula começar. Alguns exemplos de canções:

**O galo quebrou o bico.** Canção da cultura popular, recolhida em pré-escola da periferia de Curitiba, retirada do livro *Musicalizando crianças*, de Ieda de Moura, Bernadete Zagonel e Maria Tereza Boscardin. Um boneco representando um galo é o objeto mediador das interações musicais e da condução da canção. Ele (o boneco) vai contar a história do galo que quebrou o bico, e depois a asa, a perna etc.

O cenário que a música mostra nos remete aos quintais ou terreiros dos pequenos sítios onde se misturam galos, galinhas, porcos, cachorros, gatos e mesmo algumas vacas. Esses animais fazem parte da vida dos pequenos agricultores que os tem ao redor da moradia para alimentação, como guardiães ou companhias. A criança das áreas mais urbanas quase não tem contato com essa realidade, e então a música pode ensinar sobre os diferentes lugares onde vivem os brasileiros.

Mas, nessa música o galo quebrou o bico, a asa, o pé etc. Que pena! Coitado do galo! Como nos dizem Fontoura e Silva (2005), “tentar negar o modificar os elementos da nossa cultura que não nos agradam, é como tentar viver só de flores e a vida não é assim”. Esses autores, pesquisadores da cultura popular brasileira, afirmam que o feio e a desgraça estão presentes no nosso cotidiano. Cantar também é uma forma de externar sentimentos, os mais diversos. Enxergar ou tentar mostrar apenas um lado da vida, é se posicionar em um cenário muito limitado.

É possível usar uma **Parlenda** para chamar todo mundo para cantar. Um pequeno verso da cultura popular brasileira pode ser usado para chamar as crianças para cantar uma canção. *Companheiro me*

*ajude/Que eu não posso cantar só/Eu sozinho canto bem/Com você canto melhor.*

Essa parlenda, que é um pequeno poema da cultura popular, pode ser acompanhada de palmas, movimentos pela sala ou mesmo de instrumentos de pequena percussão. Ela será a chamada para as atividades durante toda a aula e estará presente como “interlúdio” entre as diferentes canções da aula.

**Meu galinho** - canção da cultura popular brasileira. A temática do “galo” continua. O fantoche do galo faz o papel de apresentador da nova canção. Nessa música, o galinho se perdeu no jardim. O seu amigo, que não dorme há 3 dias, já o procurou no Amazonas, Mato Grosso e Pará e depois o encontrou no sertão do Ceará. Para cada situação a música pode se manifestar de uma forma diferente, mostrando os sentimentos possíveis que a situação de perda, de procura e de encontro do animal de estimação possam sugerir.

**Piado de dois mutuns** - Essa canção também é da cultura popular brasileira e a letra diz assim: *No fundo da mata ouvi/Piado de dois mutuns/Piavam e redobravam morena/Tum, tum, tum, tum,tum*. Essa música pode possibilitar a vivência que pessoas do interior do país têm e que surgem nas canções folclóricas. Elas conseguem reconhecer os passarinhos, seja pela aparência ou pelo canto, o que é distante do imaginário de crianças que vivem em centros urbanos.

Da mesma forma que na música do “Galinho”, é possível desenvolver uma história para introduzir essa canção e com isso desenvolver a imaginação das crianças. Podemos “entrar na mata para procurar e ouvir os dois mutuns”. Por que será que eles piavam? Como faziam isso? Como protegê-los para que eles não sejam caçados?

Me apoiando em um texto de Pellanda (2004), posso afirmar que essa forma de condução de atividades musicais pode estimular a capacidade de ver, de ouvir, de sentir. De acordo com essa autora, temos relegado as emoções e a imaginação, que são elementos constituintes de realidade e de conhecimento, para um plano inferior e com isso vamos,

aos poucos, perdendo a nossa capacidade de conhecer. E o conhecimento, diz ela, é, antes de tudo, inseparável do processo de viver. Essas canções levam à sala de aula não só conhecimento musical, mas também ampliam o entendimento sobre animais, aves, sons e movimentos. Com isso é possível que as crianças estejam mais conectadas consigo mesmas, com o outro, com a natureza, com o mundo.

Gainza (2010) nos ensina que a musicalidade se manifesta nas pessoas das mais diferentes maneiras. Alguém que se interessa por sons, pela escuta musical, alguém que gosta de fazer música, tocar, cantar é, sem dúvida, uma pessoa musical e certamente possui um mundo sonoro interno muito rico e diverso. Esse mundo sonoro, nos diz Gainza, é como um banco de dados, que arquivo de músicas que está ao nosso redor, ou que nossos pais cantavam, ou mesmo que ouvíamos em aulas de música, na escola. Por isso é que precisamos construir uma coerência naquilo que trazemos em forma de canções para a sala de aula. Me parece então, que canções encadeadas em temas, na busca de um encantamento e de construção de um conhecimento de mundo podem ser fundamentais para a formação da criança.

## **Considerações sobre uma práxis musical**

A palavra práxis, tão difundida por Paulo Freire, é definida por Ricardo Russo como a “estreita relação que se estabelece entre um modo de interpretar a realidade e a vida e a consequente prática que decorre dessa compreensão, levando a uma ação transformadora” (RUSSO, 2008. p.331). A partir desse conceito de práxis retomo a ideia inicial, que era descrever e refletir sobre um modo de fazer música com crianças. Um modo que inclui uma construção consciente do universo musical e da criança com a qual temos contato por meio da música. A aprendizagem da cultura local, regional e mundial é uma forma de trazer um conhecimento de mundo para que a música faça parte do cotidiano da criança!

O conceito de práxis, segundo Russo (2008) é indissociável do pensamento, da análise e da compreensão do papel da educação na vida

das pessoas. Esse conceito, que diz respeito a uma prática dialógica, que também supõe reflexão e sua conseqüente ação, além de autonomia e de uma educação libertadora, pode estar sempre presente na forma de pensar e planejar aulas de música. Por isso é que encadeio e pesquiso as interfaces entre conhecimentos musicais e conhecimentos de mundo, que nesse texto apareceram na temática das aves, mas que podem ter muitas temáticas diferentes. E ao refletir, escrever e tentar teorizar sobre aquilo que faço nas minhas práticas musicais, as transformo em práxis, entendendo também que todo o ato de um educador é um também um ato educativo. Para Paulo Freire, o pensar sobre a ação, a análise crítica da própria prática, a compreensão da realidade é um dos fatores que constituem a práxis.

Aulas desse tipo oferecem não apenas conhecimento sobre música ou aves, mas também uma experiência afetiva marcante que pode ser lembrada por toda a vida. Gostaria de demonstrar que a música ou as aulas de música podem ser experiências que envolvem crianças, familiares e professores. Com base em Bondía (2002), quero dizer que gostaria de que a aula de música fosse aquele momento mágico, único, em que é possível parar o tempo para olhar, escutar, pensar mais devagar, sentir, demorar-se nos detalhes, cultivar a atenção e a delicadeza, cultivar a arte do encontro por meio da música, fazer silêncio, abrir os olhos e principalmente, abrir os ouvidos.

Maturana, citado por Pellanda (2004) afirma que o amor é uma questão central no humano, assim como o é a solidariedade. Ambos podem levar a uma espiral de crescimento humano, garantindo a existência de um mundo melhor. Por que não fazer isso por meio da música? As aulas de música podem ser momentos de emoções, de experiências significativas para a memória, para construção de conhecimento de mundo, para conhecimento de si próprio e respeito ao outro. Vivenciar experiências musicais, aprender juntos sobre música e mundo, pode ser uma aprendizagem fundamental para o processo de conscientização e humanização.

## Referências

ALMEIDA, Berenice de. *Música para crianças: possibilidades para a educação infantil e o ensino fundamental*. 1ª. edição. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2004.

BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: Revista Brasileira de Educação. Unicamp: Departamento de Linguística, Jan/Fev/Mar/Abr, 2002. N.º.19.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A pergunta a várias mãos: a experiência da pesquisa no trabalho do educador*. v.1 . São Paulo: Cortez, 2003. (Série Saber com o Outro).

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Comunidades Aprendentes*. In: FERRARO-JÚNIOR, L.A. (org). *Encontros e caminhos: formação de educadoras (es) ambientais e coletivos educadores*. Brasília: MMA, Diretoria de Educação Ambiental, 2005.

FONTOURA, Mara; SILVA, Lydio Roberto. *Cancioneiro folclórico infantil: volume 2*. Curitiba: Gramofone Produtora Cultural, 2005.

GAINZA, Violeta Hemsy. *Pedagogia musical: dos décadas de pensamento y acción educativa*. Buenos Aires: Lumen, 2002.

GAINZA, Violeta Hemsy. *Educação Musical e contemporaneidade*. Entrevista por Elizabeth Carrascosa Martinez. In: Revista Espaço Intermediário, São Paulo: v.I, n.II, p.12-15, novembro, 2010.

GAMBINI, R. *Sonhos na escola*. In: SCOZ, B. (Org). *Por uma educação com alma: a objetividade e subjetividade nos processos ensino/aprendizagem*. Petrópolis: Vozes, 2001. P.103-157.

IGNACIO, Renate Keller. *Criança querida: o dia a dia da educação infantil*. 3ª. ed. São Paulo: Antroposófica. Associação Comunitária Monte Azul, 2014.

LOUREIRO, Maristela; TATIT, Na. *Para os pequenos*. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2015. (Brinco e Canto).

MELLON, Nancy. *A arte de contar histórias*. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

MOURA, Ieda Camargo de; BOSCARDIN, Maria Teresa Trevisan; ZAGONEL, Bernadete. *Musicalizando crianças: teoria e prática da educação musical*. Curitiba: Ibex: 2011. (Série Educação Musical).

OSTETTO, Luciana Esmeralda. *Para encantar, é preciso encantar-se: danças circulares na formação de professores*. Campinas: Cadernos Cedes, col. 30, n.80, p.40-55. jan-abril, 2010.

PELLANDA, Nize Maria Campos. *A música como reencantamento: um novo papel para a educação*. Revista da ABEM. Porto Alegre: V.10, 13-18, mar.2004.

ROCHA, Carmen Mettig. *Canções para iniciação musical*. São Paulo: Ricordi Brasileira S.A.E.C, 1971.

RUSSO, Ricardo. Práxis. In: *Dicionário Paulo Freire*. STRECK, Danilo; REDIN, Euclides; ZITKOSKI, José. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p.331.